



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



RIO DE JANEIRO, 14 DE ABRIL DE 1958.

NA CERIMÔNIA COMEMORATIVA DO SES-
QUICENTENÁRIO DO ENSINO MÉDICO NO
BRASIL, NO CONGRESSO DE HISTÓRIA DA
MEDICINA.

Em hora feliz a classe médica, com apoio do Poder Público, decidiu celebrar o sesquicentenário do ensino da medicina no país. Numa assembléia pan-

498

americana — convocada em homenagem à efeméride — essa justa comemoração adquire relêvo e importância continentais. Preside-a, por vossa gentileza, o Chefe de Estado, que é o primeiro médico, no Brasil, elevado pelo voto de seus concidadãos à Presidência da República. Esta circunstância bastaria para que as palavras inaugurais de tão prestigioso conclave, ditas por seu Presidente de honra, se revestissem de familiaridade e regozijo.

499 Não será, porém, como confrade, saído como vós dos anfiteatros, dos laboratórios e das enfermarias, impregnado, desde o limiar da formação científica, das responsabilidades humaníssimas da profissão — que louvarei, em cordial reunião de companheiros de ideal, a grande data dos médicos brasileiros. Peço, para isto, a inspiração dos meus deveres de homem de governo, e da observação pessoal das realidades nacionais. Falarei a linguagem simples de quem, em nome da nação, reconhece o papel decisivo da medicina em socorro da sua vitalidade; e para salientar a expectativa das populações em face dêsse sacerdócio.

500 Há 150 anos, um príncipe lúcido abriu, com admirável oportunidade, as portas das escolas de medicina, instituindo-as na Bahia e no Rio de Janeiro. De 1808 a 1891, as duas Faculdades oficiais, fecundo seminário de vocações, deram à sociedade a proficiência, a abnegação e as virtudes de mestres nunca mais esquecidos de seus discípulos, êsses que trouxeram da Europa as práticas avançadas, que transformaram, no decorrer do século, os velhos cursos, que seguiram sagazmente a evolução dos conhecimentos, e do alto de suas cátedras estabeleceram a reputação gloriosa do ensino brasileiro. Junto à Faculdade, surgiu, com a sua auréola intelectual, a Imperial Academia de Me-

dicina. E à margem da rotina didática floresceram institutos e organizações de interesse público, de cujos programas especulativos ou assistenciais brotaram as campanhas benfazejas de higiene e profilaxia. Aquêles doutores, porém, educados nas tradições pitorescas da arte de curar, anterior a Claude Bernard, Bi-chat e Pasteur, em que predominavam os critérios empíricos, o instrumental primitivo, os ingênuos preconceitos do passado, nem por isto desprezaram os problemas do povo. A êstes se dedicaram desde os primeiros momentos, chamados pela administração para dizer sobre a etiologia das doenças persistentes, convidados para opinar sobre a migração dos contágios, desafiados pelos terrores das epidemias que varreram o Império, postos de sobreaviso pela imprensa e pelo Estado, através de consultas permanentes, de memoráveis debates, de profundos estudos, de que partiram as diretrizes da ação oficial, na guerra às invasões pestíferas. Graças aos respeitáveis conselhos da medicina, criaram-se os hospitais arejados, os cemitérios públicos, o asseio urbano, a polícia sanitária dos portos, as primeiras prevenções defensivas do bem-estar coletivo. A partir dos trabalhos de Pedro Afonso, Nuno de Andrade, Osvaldo Cruz, na transição do Instituto Soroterápico para o de Manguinhos, essa influência ganhou o vigor de uma cruzada. Em breve a campanha de saneamento do Rio de Janeiro, inscrita, com razão, entre as conquistas mais belas do espírito social da ciência contemporânea, associava para sempre à saúde do povo o laboratório de análise, e punha a seu serviço os recursos da microbiologia.

O ensino prosperou com as inevitáveis transformações que o retiraram da situação angustiada do tempo de Jobim e Sabóia — dois ilustres nomes da sua renovação — para o erigirem em apostolado com

professores fascinantes, como Francisco de Castro, discípulo de Tôrres Homem, Miguel Couto, discípulo de Francisco de Castro, Brandão Filho, pioneiro da moderna cirurgia brasileira. Igualmente se intensificou a colaboração da medicina com os poderes nacionais, através da difusão dos processos de combate às enfermidades endêmicas, da multiplicação dos centros de proteção sanitária, da vigilante assistência aos pontos mais populosos, sobretudo das policlínicas, das enfermarias populares, da filantrópica aliança da iniciativa privada com as obrigações do Estado, na manutenção de serviços que não eram de caridade, por serem do dever público. Mas não podiam concentrar-se nas capitais, quando há, carente de tudo, o vasto interior, a chamar, com a dramaticidade de seus apelos e a freqüência de seus infortúnios, o auxílio inadiável da medicina. Conheço-o de um a outro extremo do nosso imenso território, e posso testemunhar, com o mais objetivo depoimento, a verdade e a significação desse encontro dos médicos com as necessidades e as esperanças do Brasil.

502 Todos os anos as nossas numerosas Faculdades, que refulgem de Sul a Norte, com as suas notáveis congregações e o entusiasmo de seus milhares de estudantes, fornecem à nação as novas gerações de doutores. Instruíram-se em meio de perfeições e comodidades que, embora longe, tantas vezes, dos padrões das Universidades opulentas do estrangeiro, deixam a perder de vista a escassez e a precariedade do antigo ensino. Adquiriram a mentalidade do seu nobre ofício na teoria e na prática, entre os autores mais recentes e a rotina hospitalar, nesse convívio diuturno com as asperezas e a glória do sacrifício pelo próximo, que constituem, na dignidade da profissão médica, a sua mística inviolável. Formaram-se na cons-

ciência de que o país lhes pede a cooperação e a fé, recrutando, ano após ano, a juventude egressa das academias, para a assistência salvadora ao povo que padece. Encaminham-se, por todos os roteiros do Brasil, às regiões que lhes reclamam o trabalho; tornam-se preciosos colaboradores do desenvolvimento; ajudam-nos a construir o Brasil novo !

Cento e cinqüenta anos transcorridos, o ensino médico merece o definitivo e alto julgamento do povo. 503

Honra aos que o fundaram, dando-lhe, nos remotos tempos em que, com él, nascia a liberdade, as condições de duração, eficácia e prosperidade. Destaquemos inicialmente, nesta homenagem, o sensato e benévolos monarca que semeou, na fertilidade do Continente, há século e meio, as idéias, os estímulos e as construções que foram a base da cultura nacional. Honra aos professores de devotado e insigne saber, que, com paciência, desinteresse e modéstia, debruçados cristãamente sobre a dor e o desengano da vida, mobilizaram os exércitos sucessivos da medicina brasileira, cujos líderes, na galeria dos seus patronos, continuam a comandar a inteligência e o sentimento desta grande classe. Honra aos que cumpriram o juramento hipocrático, na obscuridade ou no brilho da honesta carreira; e honra aos que a isto se dispõem, recordando patrióticamente os antecessores, de olhos fitos no futuro e na grandeza do Brasil ! 504

Este esplêndido Congresso de História é um ensejo providencial de revisão. E um convite filosófico à justiça da posteridade. 505

O Brasil significa á 150 anos de medicina ensinada a bem da nacionalidade, nas bêncas que a mais humana das ciências espalha pelo espaço e pelo tempo, 506

estendendo a todos os que sofrem as suas maravilhosas possibilidades de redenção. Esta data não é só dos que a professam. É a de quantos elevam o médico às responsabilidades de um missionário da solidariedade social, no seu valoroso, no seu difícil, no seu augusto e glorioso compromisso de ser útil à Pátria e à humanidade !